



e-ISSN 2238-8885

**“GRE-NAL É GRENAL!” : RIVALIDADES FUTEBOLÍSTICAS E
POLÍTICAS EM UM ESPAÇO FRONTEIRIÇO
(RIO GRANDE DO SUL, c.1941-c.2014)**

**“GRE-NAL is GRENAL!” : football and political rivalities in
border area (Rio Grande do Sul, c.1941-c.2014)**

**“¡GRE-NAL es GRENAL!” : fútbol y rivalidades políticas en
una zona fronteriza (Rio Grande do Sul, c.1941-c.2014)**

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli¹

Resumo:

O futebol do Rio Grande do Sul reproduzia simbolicamente a “pequena pátria” em um passado idealizado: jogado por homens que tinham uma tradição de enfrentamento com os rigores da natureza e com os antigos inimigos nas guerras platinas. Os jogos de futebol incorporavam aqueles atributos que tinham sido conferidos aos gaúchos do passado, e o esporte no estado tinha características próprias que, se não eram necessariamente opostas àquelas pensadas para o “estilo brasileiro”, não se confundiam com estas. A identidade regional se fazia presente de forma marcante no futebol que passou a merecer o adjetivo de “gaúcho”, uma projeção mitificada do passado. No Rio Grande do Sul a adesão aos clubes de futebol do estado é maior que aquelas dos demais. Também existe uma acentuada bipolarização, que é assemelhada àquela que ocorre na política, também ela uma semelhança com os vizinhos do Rio da Prata. Assim, a característica principal do futebol “gaúcho” é a própria rivalidade extremada entre os principais clubes. Então Gre-Nal é Grenal!

Palavras-chave: Futebol. Identidades. Rivalidades. *Gre-Nal*.

Abstract:

Rio Grande do Sul football symbolically reproduced the “small homeland” in an idealized past: played by men who had a tradition of confronting the rigors of nature and former enemies in the platinum wars. Football games incorporated those attributes that had been conferred on “gauchos” in the past, and the state sport had its own characteristics that, although they were not necessarily opposed to those thought for the “Brazilian style”, were not confused with them. Regional identity was present in a striking way in football, which began to deserve the adjective “gaúcho”, a mythologized projection of the past. In Rio Grande do Sul, membership of the state's football clubs is greater than that of the others. There is also a marked bipolarization, which is similar to that which occurs in politics, also a similarity with the neighbors of Rio da Prata. Thus, the main characteristic of “Gaúcho” football is the extreme rivalry between the main clubs. So Gre-Nal is Grenal!

Keywords: Football. Identities. Rivalries. *Gre-Nal*.

Resumen:

El fútbol de Río Grande del Sur reproducía simbólicamente la “pequeña patria” de un pasado idealizado: jugado por hombres que tenían la tradición de enfrentar los rigores de la naturaleza y antiguos enemigos en las guerras platinas. Los juegos de fútbol incorporaban aquellos atributos que habían sido conferidos a los gauchos en el pasado, y el deporte del estado tenía características propias que, si bien no necesariamente se oponían a las pensadas por el “estilo brasileño”, no se confundían con ellos. La identidad regional estuvo presente de manera llamativa en el fútbol, que empezó a merecer el adjetivo “gaúcho”, una proyección mitificada del pasado. En Rio Grande del Sur, la afiliación a los clubes de fútbol del estado es mayor que la de los demás. También hay una marcada bipolarización, similar a la que ocurre en la política, similar también a los vecinos de Rio da Prata. Así, la principal característica del fútbol gaúcho es la extrema rivalidad entre los principales clubes. ¡Entonces Gre-Nal es Grenal!

Palabras clave: Fútbol. Identidades. Rivalidades. *Gre-Nal*.

Mesmo na condição de historiador de ofício, me é muito cara a frase: “*Quando a lenda é maior que a verdade, publique-se a lenda!*”. Ela foi dita no final da película “*O homem que matou o fascínora*”²: tratava-se de uma história tão bem contada que o esclarecimento da verdade pelo principal protagonista não tinha interesse para o jornalista que o entrevistava.

Historiadores em geral, mas especialmente aqueles que se dedicam a temas que exerceram – e ainda exercem! – grande apelo popular, se defrontam a todo momento com situações em que as lendas são muito melhores que eventuais reconstituições do passado, mesmo que meramente se aproximem de alguma verdade. O futebol na América Latina é cheio de histórias controversas ou mesmo inverossímeis que, de tempos em tempos, voltam à tona desde as sombras do passado e são ressignificadas, retomando um ciclo incessante, muitas vezes com outros nomes, outros cenários e outras datas... Portanto, temáticas associadas a uma prática tão difundida como o futebol são permeadas de lendas, se constituindo em dificuldades para as pesquisas históricas.

E uma delas diz que *Gre-nal é Grenal!*

A província em chuteiras

Os esportes em geral podem ser pensados como uma simbologia da luta pela vida, individual ou coletiva, nas suas relações com o meio ambiente e entre os homens.³ Neste sentido, o tratamento acadêmico do futebol deve considerar as reflexões tecidas por Norbert Elias e Eric Dunning, naquilo que chamaram “processo civilizador”. Para estes autores, as sociedades industrializadas complexas resultaram de mudanças havidas desde o século XVI no sentido de uma *“reglamentación de la conducta y de los sentimientos [que] se volvió más estricta, mas diferenciada y abarcadora, pero también más equilibrada y moderada pues eliminó los excesos de autocastigo y autoindulgencia”* (1992, p.39).

Não por acaso, foi na Inglaterra do século XIX que se desenvolveram os esportes em geral e o futebol em particular. No processo de “civilização” das elites, que levaram suas disputas para debates parlamentares, as práticas dos *sportmen* chegaram aos trabalhadores. Alguns industriais se aperceberam de que jogos coletivos eram análogos aos trabalhos fabris: em ambos havia tarefas diferentes para a obtenção de uma meta pré-determinada, um *goal*. E, fazendo parte do processo “civilizatório”, obedecia a regras, outra maneira de conquistar a adesão dos trabalhadores às suas atividades laborais. Além de mascarar a luta de classes, o tempo despendido nos jogos era desviado das ações políticas coletivas: *“En las sociedades industriales avanzadas, las actividades recreativas constituyen un reducto en el que, con la aprobación social, puede expresarse en público un moderado nivel de emoción”* (Id, p.85).

Atenuando os conflitos de classe, o futebol gerava relações de pertencimento bastante fortes, que de alguma forma recriavam as antigas sociedades pré-capitalistas, estimulando rivalidades regionais, ou mesmo locais. As identidades têm como contrapartida – ou mesmo se definem pelas – suas alteridades, os “outros”, enfrentados nas batalhas simbólicas dos campos de futebol, *“que respeitam metódicamente a sua integridade física e eliminam idealmente qualquer instrumento adicional de contundência dentro do campo”*, como afirma José Miguel Wisnik (2008, p.100). Não é casual que a linguagem do jogo seja tão militarizada: metas, defensores, atacantes, tiros, artilheiros, estratégias e táticas, por exemplo.⁴

No Brasil, o futebol também foi um fenômeno social que passou por uma transição do anglo-centrismo das elites do fim dos Oitocentos para um esporte de massas, sintetizado por Miranda Pereira na expressão *“do foot-ball ao futebol”* (2000, p.303). Desde seus primeiros passos no país, o futebol seria *“uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas”* (HELAL, 1990, p.14), influência poderosa sobre os comportamentos individuais e coletivos. Neste sentido, noções de pertencimento e identidades relacionadas ao futebol se entrecruzam,

como aquelas referentes ao Estado nacional. A percepção em relação ao esporte se tornou mais efetiva nos anos que se seguiram à Revolução de 30: o reconhecimento da prática futebolística como profissão abriu campo para os mais humildes, que não dispunham do tempo nem da riqueza das elites. Propagandeado como “esporte nacional”, pela primeira vez uma Seleção Brasileira contou com o apoio do governo para a Copa do Mundo de 1938, na França. O terceiro lugar inesperado e o brilho de Leônidas da Silva e Domingos da Guia – dois jogadores negros! – valeu uma recepção popular tão calorosa como seria a de uma vitória no certame.

Vale aqui pensar que foi a partir da Revolução de 30 que se inaugura o Estado burguês no Brasil, podendo então projetar a construção de uma identidade nacional que superasse àquelas regionais herdadas do período imperial. A inclusão social dos trabalhadores permitiria a afirmação de uma identidade nacional com seus símbolos, suficientemente consistentes para se estenderem a um estado fronteiriço que a duras penas aderiu ao projeto nacional no final do século XIX: refiro-me aqui ao Rio Grande do Sul. Vislumbrava-se finalmente uma nação! Tornou-se clássica a concepção de nação de Benedict Anderson: “*It is an imagined political community – and imagined as both inherently limited and sovereign*” (ANDERSON, 1983, p.6).⁵ Pessoas que jamais se viam ou conheciam, tinham na imprensa um importante veículo capaz de canalizar as aspirações de todos, que então sentem-se partilhando uma realidade comum. Na “comunidade imaginada”, o futebol, quando coloca em jogo as cores nacionais, se torna uma representação daquela “comunidade imaginada”.

Anderson inspirou-se em Ernest Gellner, que atribuía ao Nacionalismo o movimento gerador das Nações, e não o contrário: “*Nationalism is not the awakening of nations to self-consciousness: it invents nations where they do not exist*” (1964, p.169).⁶ Noutro texto, o autor reforça a ideia de que a Nação só existe se os homens se “reconhecem” como pertencentes a ela: “*A mere category of persons (say, occupants of a given territory, or speakers of a given language, for example), becomes a nation if and when the members of the category firmly recognize certain mutual rights and duties to each other in virtue of their shared membership of it*”. Ele esclarece ainda que “*It is their recognition of each other as fellows of this kind which turns them into a nation, and not the other shared attributes, whatever they might be, which from non-members*” (GELLNER, 1983, p. 7)

Hobsbawm ressalta na construção das nações a existência pregressa do “protonacionalismo popular” (1998, p. 63), dificilmente pensado para os países americanos que, nas guerras de independência, negavam pertencimento às metrópoles ibéricas. Aqui é mister salientar o argentino José Carlos Chiaramonte, preocupado em compreender as resistências ao Estado-nação que atravessaram o século XIX. Para ele, as identidades políticas resultantes da descolonização foram as províncias, as unidades onde grupos dominantes locais eram capazes de organizar a

estrutura produtiva e a propriedade da terra, controlar a mão-de-obra e garantir um certo grau de ordem e segurança. Partindo desta constatação, o autor desenvolveu o conceito de “região-província”, por definição o palco de atuação dos respectivos caudilhos que não compreendiam a temiam as ingerências de Estados-nacionais.

Em minha tese de doutorado, “*O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*”, o conceito de “região-província” foi fundamental para tratar dos problemas que as elites do Rio Grande do Sul, desde o século XIX, atribuíam aos governos centrais, clamando por autonomia em relação ao Império do Brasil (GUAZZELLI, 1998).⁸ Na República Velha, quando a ação dos interesses estaduais resultou no “pacto dos governadores”, as autonomias regionais se expressaram também nas produções culturais respectivas. Na estremadura sulina, houve uma profícua difusão de obras literárias, folclóricas e históricas que procuravam uma identidade própria para o estado. Para tanto, a recuperação do gaúcho histórico como legítimo representante do passado rio-grandense foi uma escolha das elites políticas para representar a identidade regional. Este processo foi tão bem sucedido, que desde então, “gaúcho” passou a ser o termo gentílico para designar todos os nascidos no Rio Grande do Sul, mesmo os descendentes de imigrantes germânicos e italianos, dedicados a atividades agrícolas em propriedades familiares.

Até o final da República Velha, os estudiosos do passado rio-grandense – quase todos ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) e ao Museu Júlio de Castilhos – priorizavam dois aspectos: a presença da fronteira como marca distintiva de uma herança histórica de enfrentamento e convívio com os vizinhos platinos, e uma população de origem europeia que teria predominado em relação a outras etnias. Nesta visão, o Rio Grande do Sul seria mais “branco” e mais “acastelhanado”, por tanto inconfundível com o Brasil mestiço e francamente português nas suas origens. Assim também o futebol rio-grandense foi muito influenciado por estas tentativas de explicação para as peculiaridades regionais (MASCARENHAS, 2001, p.207).

O governo do Partido Republicano usou o futebol para reforçar a autonomia e a identidade rio-grandenses, assumindo um papel de “integrador” do estado, incentivando a criação de clubes de futebol, e em todas as partes se praticava o esporte. Isto resultou em uma precoce realização de um campeonato estadual em 1919, quando em outras unidades federativas, mesmo Rio e São Paulo, os torneios se restringiam às capitais. Também coube aos clubes de futebol do Rio Grande do Sul os primeiros jogos contra equipes dos países platinos, onde o futebol era mais antigo que no Brasil.⁹

Portanto, o futebol no Rio Grande do Sul reproduzia simbolicamente a “pequena-pátria”

em um passado idealizado: o futebol era jogado por homens que tinham uma tradição de enfrentamento com os rigores da natureza e com os antigos inimigos nas guerras platinas. Os jogos de futebol incorporavam aqueles atributos que tinham sido conferidos aos gaúchos do passado, e o esporte no Rio Grande do Sul vestia-se com as características próprias que, se não eram necessariamente opostas àquelas pensadas para o “estilo brasileiro”, não se confundiam com estas. A identidade regional se fazia presente de forma marcante no futebol que passou a merecer o epíteto de “gaúcho”, uma projeção mitificada do passado.

No Rio Grande do Sul, a adesão aos clubes de futebol do estado é maior que aquelas dos demais (DAMO, 1999, p.87-118). Pesquisa da revista *Trivela* salienta que em estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste os torcedores dos grandes clubes de Rio e São Paulo são maioria; na região Sul a dupla Gre-Nal é hegemônica, em que pese que em Santa Catarina haja preferência para Flamengo e Vasco, e no interior do Paraná para clubes de São Paulo (2008, p.34). E aqui também existe uma acentuada bipolarização, que é assemelhada àquela que ocorre na política, também ela uma semelhança com os vizinhos do Rio da Prata. Porém, contrariamente a uma noção do senso comum – muito divulgada pela mídia esportiva no Rio Grande do Sul e fora dele – a característica principal do futebol “gaúcho” não são os atributos de força e irredentismo, e sim a própria rivalidade extremada entre os principais clubes (DAMO, 2002).¹⁰

Este fanatismo clubístico muitas vezes se expressou em revoltas contra os centros de decisões, invariavelmente confederações e tribunais vistos como opressores; a imagem construída para a província se expressa nos campos de jogo, já que não mais existem ou são cabíveis os campos de batalha. Para compreender o papel social que o futebol assumiu no Rio Grande do Sul, e em que medida isto foi importante para ressignificar a identidade regional, é fundamental este aporte teórico sobre a prática do esporte, sobre a formação da nação, e o conflito de identidades que muitas vezes se manifesta entre a nação e a região. Nesta perspectiva, os conflitos internos da política estadual, com sua sempre presente polarização, aparecem de forma fundamental nos campos de jogo.

E aqui aparece o Gre-Nal!

Os nomes e as cores da lenda

A lenda já inicia com a própria palavra que dá nome ao clássico maior do estado sul-riograndense: inventada por um jornalista, Gre-Nal é a abreviatura-corruptela do binômio Grêmio-Internacional, como se chamam os dois principais clubes do futebol do Rio Grande do Sul. O primeiro é o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense,¹¹ fundado em 15 de setembro de 1903; o

outro é o Sport Club Internacional, de 4 de abril de 1909. Clubes de futebol que estão entre os mais antigos em atividade no Brasil, ambos são afirmados nacional e internacionalmente. E não há consenso na própria escrita: Gre-Nal ou Grenal? É uma combinação rara porque integra a primeira sílaba de um, GRE, com a última do outro, NAL, ambas muito inespecíficas.¹² Usam-se as duas formas quase indiferentemente: para seguir o padrão de outras denominações de clássicos brasileiros, eu prefiro Gre-Nal, e assim vou usar neste texto. O jogo de palavras que fiz no título – propositadamente com as duas grafias – aponta para isto e também para uma tautologia, atribuída ao político rio-grandense Ildo Meneghetti, antigo presidente e depois patrono do Internacional: “*Grenal é Grenal*”.

Uma histórica excursão do Sport Club Rio Grande¹³ em 7 de junho de 1903, para exibição primeira do esporte em Porto Alegre, estimulou que em 15 de setembro do mesmo ano fossem criados simultaneamente o Grêmio de Futebol Porto Alegrense e o Fussball Club Porto Alegre¹⁴ que, a exemplo do Rio Grande, tinham entre os fundadores uma grande maioria de teuto-brasileiros. Desconheço qualquer referência que tenha sido chamado de Porto Alegrense em qualquer tempo.¹⁵ É comum, no entanto, a referência às cores: é o Tricolor, azul-preto-branco, em listras verticais na camisa, distribuídas no escudo e na bandeira do clube.¹⁶ E, claro, a presença marcante do azul também serve para identificar seus adeptos como os Azuis,¹⁷ em contrapartida ao vermelho do Internacional.

A primeira camisa do Internacional era listrada verticalmente em vermelho e branco. No mesmo ano da fundação, a camisa passou a ser totalmente colorada, dando ao clube o apelido que tem até hoje. Colorado passou a identificar os torcedores, faz parte dos cânticos e do próprio hino oficial. Este espanholismo tão comum no Rio Grande do Sul é eventualmente substituído por sinônimos, como os Vermelhos, os Rubros ou os Encarnados.

A cor adquiriu uma importância grande na formação dos aficionados dos primeiros tempos. Tanto o Grêmio quanto o Fussball eram clubes elitizados, identificados com a ascendência germânica. O Internacional, também ele oriundo de grupos dominantes, levou este nome por ser aberto a simpatizantes de outras origens: portugueses, espanhóis, italianos, judeus, etc. (A abertura às camadas populares e aos negros ocorreria apenas nos últimos anos do decênio de 1920). Jovens esportistas, oriundos das elites da fronteira sul e oeste do estado, que vinham estudar na capital, não eram aceitos pelo Grêmio. O Colorado,¹⁸ além de aceita-los, tinha a identidade da cor: membros de famílias de criadores, eram quase todos identificados com os Federalistas, os *maragatos* dos lenços colorados da Revolução de 1893¹⁹ (GUAZZELLI, 2005, p. 54).

Clássicos ou dérbi: o Gre-Nal

O Gre-Nal é reconhecido como um “clássico”! O maior de Porto Alegre, por extensão do Rio Grande do Sul. Inequivocamente, é um dos principais do Brasil e, como mostrarei adiante, da América e do mundo! E o que vem a ser “clássico” no mundo do futebol? Há uma definição de “clássico” que se refere a estilos de jogo que privilegiam alta técnica dos esportistas ao invés da força física ou da disposição atlética, remetendo a uma polêmica entre “futebol-arte” e “futebol-força”. Já no sentido de disputa entre equipes, tem como sinônimo o anglicismo “dérbi”, termo que também aparece com significados diferentes do que é usual para o futebol, conforme reproduzo em sequência.

No dicionário Houaiss, o item 17 do verbete “clássico” (2001, p. 717) assim define: “*Diz-se de partida entre dois clubes ou equipes importantes (os jogos entre Vasco e Flamengo são sempre c.) (Palmeiras e São Paulo fizeram o c. da noite)*”. O mesmo livro traz o verbete “dérbi”, mostrando a etimologia da palavra: “*Jogo, partida ou competição esportiva de grande destaque (como Derby de Epson, na Inglaterra, do inglês Derby, do antropônimo Lord Derby, que deu início a essa corrida de cavalos em 1780)*”. (Id., p.943).

No *Diccionario de la Lengua Española* não há no verbete “clásico” nenhuma referência ao futebol, apesar da palavra aparecer com destaque na crônica futebolística na versão platina do idioma. Já “dérbi” tem a definição: “*encuentro generalmente futbolístico entre dos equipos de una misma ciudad o ciudades próximas*” (1992, T. I, p.683). Não há aquela referência ao turfe de Epson que aparece no Houaiss.

Já o Novo Dicionário Michaelis de Inglês-Português não tem nenhuma nota sobre o uso de “classic” para o futebol. A palavra “derby” é traduzida assim: “1. Grande corrida anual de cavalos em Epson, Inglaterra; nome do fundador dessa corrida. 2. Grande corrida de cavalos, automóveis ou aeroplanos” (1962, p.285).

Em Inglês, o *New Webster Dictionary* também não tem referência ao futebol no verbete “classic”. Dá dois sentidos para “derby”, ambos associados ao turfe: “1. An annual horse race for three-year-olds run at Epson downs in Surrey, England, named for the founder, the 12th Earl of Derby (1780). 2. Any horse race of similar importance; especially, the Kentucky Derby”.²⁰ Aparentemente, os estadunidenses equiparam o seu próprio “derby” àquele do conde que lhe deu o nome.

Nos dias de hoje, a Wikipedia Livre assim define: “Clássico, ‘dérbi’ ou ‘derby’ (conforme a palavra em inglês, adotada em alguns casos) é o nome dado a um encontro futebolístico de grande rivalidade, sendo que, mais frequentemente, é realizado por duas entidades esportivas locais. Alguns destes encontros são protagonistas de confrontos entre jogadores ou torcidas, dadas as tensões envolvidas”.²¹ O verbete remete para o Dicionário

de Estrangeirismos do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ITELC), que traduz “*derby*” deste modo: “*dérbi ou grande competição desportiva*” (LISBOA, 1988).²²

Discutidas essas definições para os clássicos ou dérbis no futebol, tratarei do Gre-Nal como um exemplo típico. Foram disputados de 1909 até o presente 416 jogos, um número bastante elevado quando comparados a outros casos. No Brasil apenas três clássicos têm mais partidas: o Fla-Flu, com 425; Atlético-Cruzeiro, com 514 encontros segundo os atleticanos ou 496 de acordo com os cruzeirenses (o desacordo se dá porque o Cruzeiro não considera os amistosos), e o Ba-Vi, com 492. Entre os dérbis estrangeiros pesquisados, apenas o clássico uruguaio Peñarol-Nacional, com 550 partidas, supera o número de clássicos Gre-Nal. Assim, pesquisando os números de 30 clássicos de sete países, o Gre-Nal é o quarto na contagem de partidas.²³

Nos confrontos com o Grêmio, o Internacional leva uma vantagem pequena: ganhou 155 partidas e marcou 584 gols, contra 130 vitórias gremistas, com 545 tentos. Houve ainda 131 empates. Observo que a média de gols é de 2,71 gols por jogo, portanto bastante alta, contrariando uma opinião corrente de que o Gre-Nal tende a ser um jogo defensivo, com baixos escores.

Apesar dos campeonatos estaduais terem perdido prestígio nos últimos anos, o Campeonato Gaúcho²⁴ ainda se reveste de grande importância para ambas as torcidas, e nesse quesito também o Colorado mantém seu predomínio: são 45 conquistas contra 38 do Grêmio.²⁵ Neles também existe uma ferrenha disputa pelos campeonatos conquistados em sequência, ainda aqui com vantagem colorada: 1) Internacional foi Hexacampeão de 1940-1945; 2) Grêmio Pentacampeão de 1956-1960; 3) Grêmio Heptacampeão de 1962-1968; 4) Internacional Octacampeão de 1969 a 1976; 5) Grêmio Hexacampeão de 1985-1990; 6) Internacional Hexacampeão de 2012 a 2016; 7) Grêmio Pentacampeão de 2018-2022.

Os títulos nacionais e internacionais dos dois clubes são bastante consistentes, havendo certo equilíbrio, vantajoso para o Grêmio. O tricolor acumula uma Supercopa (1990), cinco Copas do Brasil (1989, 1994, 1997, 2001 e 2016), dois Campeonatos Brasileiros (1981 e 1996); três Copas Libertadores da América (1983, 1995 e 2017), duas Recopas Sul-Americanas (1996 e 2018) e uma Copa Intercontinental (1983).²⁶ O Internacional venceu três Campeonatos Brasileiros (1975, 1976 e 1979), uma Copa do Brasil (1992), uma Copa Sul-Americana (2008), duas Copas Libertadores da América (2006 e 2010), duas Recopas Sul-Americanas (2007 e 2011) e uma Copa do Mundo de Clubes da FIFA (2006).

Há no Gre-Nal, portanto, aqueles atributos que o distinguem como um “clássico”: antiguidade da disputa, a localidade dos clubes e uma rivalidade extremada entre os dois que

supera as demais do país e faz parte das mais importantes do mundo futebolístico.

Justamente este é o aspecto principal deste trabalho.

As rivalidades: a dupla Gre-Nal e os grandes clubes do país

Os debates sobre os números e porcentagens de torcedores dos principais clubes, tanto do Brasil quanto no exterior, são quase sempre acirrados. Recenseamentos oficiais nunca foram feitos; portanto, os dados são obtidos em institutos de pesquisa que, por mais confiáveis que sejam, obtêm resultados aproximados. Os dados que divulgo neste texto foram compilados de matérias especiais de duas edições da revista Placar, a principal publicação esportiva do Brasil, e a última feita pelo jornal O Globo.

A primeira delas foi publicada em 1983, intitulada “As 15 Maiores Torcidas do Brasil: Pesquisa Placar / Gallup” (PLACAR, nº 682, 1983, p.16). O Instituto Gallup, contratado pela revista, fez 2.633 entrevistas, e a amostra constava de “*pessoas aleatoriamente distribuídas por todos os Estados [sic], nas mesmas proporções em que se divide a [população] adulta do país por sexo, grupos etários, níveis socioeconômicos, tamanho de cidades e regiões*”. Do total de entrevistados, foram separados os 1.611 (61,18%) que responderam ter interesse pelo futebol: 438 torciam apenas para os clubes dos respectivos estados (A adesão ao futebol, portanto, não corresponde à propalada imagem de “país do futebol” no qual todos são torcedores). Da amostra, 1.118 torciam também para clubes de outros estados, e apenas 55 não tinham preferência clubística (Id., p22-23). Os resultados obtidos foram os seguintes: Flamengo 31%, Corinthians 17%, Vasco 9%, Palmeiras 9%; Santos 7%, Atlético Mineiro 7%, São Paulo 6%; Botafogo 5%, Fluminense 5%; Cruzeiro 5%, Bahia 5%; Grêmio 4%; Internacional 4%, Náutico 2% e Sport 2%. 28% eram torcedores de outros clubes e 3% não torciam para nenhum clube. Foram publicadas estatísticas avaliando renda, faixa etária e região (Id., p21-22).

Quanto ao predomínio de Flamengo e Corinthians, a pesquisa confirmou uma impressão já existente. Foi surpreendente o resultado do Palmeiras, alcançando o Vasco da Gama. O Atlético Mineiro mantinha sua maior popularidade em relação ao Cruzeiro. Já o “empate técnico” entre Náutico e Sport Recife também foi inesperada dado o elitismo do primeiro; talvez interferisse aqui o fato de não estar presente o Santa Cruz, tido como o clube mais popular de Pernambuco, nesta época fora da Primeira Divisão do país. Já o empate entre Grêmio e Internacional apontava um crescimento da torcida tricolor no Rio Grande e fora dele.

A segunda pesquisa foi realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), dez anos depois da anterior. A enquête foi feita nas nove maiores capitais do país: São

Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza, Brasília, Recife, Curitiba e Porto Alegre. Foram entrevistadas 3.503 pessoas, todas do sexo masculino. Como referências para a amostra foram utilizados os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As perguntas feitas foram sobre esporte de preferência, sobre clube preferido, e se havia mais algum clube para o qual também torcesse (PLACAR, nº 1.088, 1993).

Os resultados foram publicados em porcentagens que, por sua vez – a meu juízo, de maneira muito pretenciosa – permitiam calcular o número exato de torcedores para Flamengo e Corinthians, e com menos precisão para os demais, que detalham apenas até a quarta casa numérica (O critério para obtenção destes dados parece contrariar a informação de que a margem de erro era de 3%, bastante elevada para números tão definidos). Esta segunda pesquisa mostrou os seguintes números: Flamengo 16,5% (24.115.492), Corinthians 13,6 (19.877.012), São Paulo 7,2% (10.523.000); Vasco da Gama 6,3% (9.207.000), Fluminense 4,6% (6.723.000), Palmeiras 4,3% (6.284.000), Botafogo 3,4% (4.969.000), Atlético Mineiro 3,3% (4.823.000), Cruzeiro 3,2% (4.676.000), Santos 3,1% (4.530.000), Internacional 3,1% (4.530.000), Grêmio 2,6% (2.923.000). Os que não torcem para nenhum clube somam 11,4% (16.661.613), número inferior apenas àqueles de Flamengo e Corinthians (Id., p.12).²⁷

Os dados são muito incongruentes em relação àqueles de 1983, e as explicações dadas pela matéria de 1993 não são convincentes. A população do Brasil, de acordo com o censo do IBGE de 1980, era de 121.150.573 habitantes; em 1991 a população havia crescido para 146.825.475, um percentual de 21,2% (IBGE, 1991). No entanto, os números de 1983 somam apenas 43.082.000 pessoas, enquanto em 1993 a população calculada é de 130.519.177. Mesmo que tenham sido contabilizados os torcedores para mais de um clube, isso não explica tamanha diferença. Em relação ao Rio Grande do Sul, também os dados mostram inconsistências: a população do estado no mesmo recenseamento de 1991 mostrou exatos 9.135.479 habitantes, enquanto a soma das torcidas de Grêmio e Internacional calculadas alcança 8.330.000, o que seria pouco mais de 91% da população! Se a pesquisa anterior apresentava pouco mais de 61% de adeptos ao futebol no Brasil, um crescimento da ordem de 50% era uma impossibilidade.

Há mudanças importantes no ordenamento das torcidas que podem ligados a diferenças na obtenção da amostra. Foram apresentados dados interessantes sobre cada estado, mas vou tratar dos principais. Em São Paulo: Corinthians com 36,4 (819.000), São Paulo com 17,6% (400.000), Palmeiras com 11,1% (289.000), Santos com 8,2 (145.000) e Portuguesa de Desportos com 0,32 (4.500). Surpreende o crescimento da torcida do São Paulo, ultrapassando o Palmeiras; já a Portuguesa está atrás de clubes de fora do estado: Flamengo 2,4%, Bahia 2,2%, Vitória 1,2%, Atlético Mineiro 0,4%, e Botafogo 0,4% (Id., p.19-21).

No Rio de Janeiro, o Flamengo era hegemônico, com 41,9% dos torcedores; em segundo vinha o Vasco com 18,4%, seguido de perto pelo Fluminense com 16%; o Botafogo mantinha-se na quarta posição com 10,1% e o América fechava o quinteto com 1,0%. Não foram revelados os números de torcedores de cada clube (Id., p.28).

Em Minas Gerais, a pesquisa mostrou um crescimento importante da torcida do Cruzeiro, que se aproximava muito do Atlético Mineiro. Este clube detinha 38,5%, enquanto o rival já alcançava 37,9%. Chama a atenção a porcentagem de flamenguistas, com 5,1%, vascaínos com 1,8% e são-paulinos com 1,2%. O América de Minas Gerais ficou para trás, com apenas 0,9%. Somando os 0,3% obtidos por Botafogo, Corinthians, Santos, Grêmio e Internacional, há 9,6% de mineiros que torciam para times de fora do estado (Id., p.36).

Para o Rio Grande do Sul, a pesquisa mostrou uma aproximação do Grêmio em relação ao Internacional análoga àquela do Cruzeiro. O Colorado mantinha a dianteira com 45,5%, mas o Grêmio alcançou 41%. O Rio Grande do Sul mostra a maior adesão de torcedores aos clubes do próprio estado em relação a outras unidades do país. Na pesquisa, possivelmente porque a amostra contemplou apenas a capital, aparecem meros 0,3 para Aimoré de São Leopoldo, Glória de Vacaria e Guarani de Bagé (Id., p.38).²⁸

A última pesquisa foi noticiada pelo GloboEsporte.com em 17/09/2019, em uma matéria intitulada “Maiores torcidas do Brasil: veja evolução de pesquisas de 1993 a 2019”: como explica o jornal: “O *Datafolha* divulgou nesta terça-feira, nova pesquisa com o tamanho das principais torcidas do futebol brasileiro. O *Globoesporte.com* separou todos os levantamentos feitos pelo instituto de pesquisa desde 1993” (2019). Os dados foram recolhidos de 2.848 entrevistas, todas de maiores de 16 anos, em 175 cidades do país.

O resultado foi o seguinte: Flamengo 20%, Corinthians 14%, São Paulo 8%, Palmeiras 6%; Vasco 4%, Cruzeiro 4%, Grêmio 4%, Internacional 3%, Santos 3%, Atlético Mineiro 2%, Botafogo 1%, Bahia 1%, Fluminense 1%, Sport 1%, Santa Cruz 1%, Fortaleza 1%, Vitória 1% e Ceará 1%. O número dos que não torciam para nenhum clube foi de 22%, mais alto que o clube mais popular. O Flamengo nesta pesquisa atingiu seu máximo patamar, e o Corinthians manteve um consistente segundo lugar. O São Paulo subiu para a terceira posição e o Palmeiras superou o Vasco da Gama, que caiu para a mesma porcentagem de Grêmio e Cruzeiro. Estes dois clubes deslocaram os rivais antes mais populares, respectivamente Atlético Mineiro e Internacional. Os outros grandes do Rio de Janeiro caíram muito, ficando empatados, assim como os clubes do Nordeste.

Regionalmente, os resultados quase se repetem em relação aos cinco mais referidos, exceto no Sul. Região Norte: Flamengo 40%, Corinthians 10%, Vasco da Gama 6%, Palmeiras 6% e São

Paulo 4%. Região Nordeste: Flamengo 27%, Corinthians 9%, São Paulo 6%, Palmeiras e Vasco da Gama 5%. Região Centro-Oeste: Flamengo 28%, Corinthians 18%, São Paulo 8%, Palmeiras 6% e Vasco 3%. Região Sudeste: aqui houve uma inversão, com ligeira vantagem para o Corinthians, e pela primeira vez sai o Vasco do rol dos cinco maiores, aparecendo o Cruzeiro: Corinthians 18%, Flamengo 17%, São Paulo 11%, Cruzeiro 8% e Palmeiras 7%. No Sul há o predomínio da dupla Gren-Nal: Grêmio 23%, Internacional 17%, Corinthians 11%, Flamengo e São Paulo 4% cada. Este predomínio dos dois clubes do Rio Grande do Sul se deve em grande parte pela pouca adesão dos catarinenses e paranaenses aos clubes dos seus respectivos estados: exceto por Curitiba, os clubes paulistas recebem a adesão de quase todo o Paraná, exceto no seu Oeste, onde predomina a dupla Gre-Nal. Em Santa Catarina, Flamengo e Vasco são muito populares, e no Oeste também Grêmio e Internacional predominam.

Com todas as imperfeições que tenham as pesquisas, aparte critérios diversos na obtenção dos números revelados, há achados relevantes nos levantamentos em relação a Grêmio e Internacional. Primeiramente, a inversão na popularidade dos clubes no país, consequência de um aparente – não existem enquetes sobre isso – crescimento da torcida gremista, especialmente em Porto Alegre. Outra constatação é de que a região Sul, cuja população, com a prevalência de Grêmio e Internacional, é única entre todas as demais regiões. Como os torcedores de Santa Catarina e Paraná mostram preferências pelos clubes de Rio e São Paulo respectivamente, a adesão aos clubes rio-grandenses é a mais evidente no país.²⁹

Rivalidades: o clássico Gre-Nal no Brasil e no mundo

Em 23 de fevereiro de 2015, o jornalista Gustavo Hofman publicou em seu Blog um texto onde rememora uma matéria especial publicada pela revista Trivela, uma publicação da Trivela Comunicações (HOFMAN, 2015). A matéria referida foi editada em outubro de 2008, na 32ª edição da revista, intitulada “*Te odeio logo existo*”, e elegia os “*50 maiores dérbis do mundo*” (TRIVELA, 2008, p.34). O rol de clubes foi dividido em nacionais e estrangeiros. A partir de uma centena de jogos clássicos indicados pela revista, os jornalistas brasileiros deveriam escolher os 20 maiores clássicos nacionais e outros 20 internacionais. Já aqueles de fora do Brasil listariam os 20 dérbis internacionais, incluindo entre eles disputas brasileiras que julgassem prestigiosas. Os critérios definidos foram “*rivalidade regional, importância nacional e relevância futebolística*”. Foi definida uma contagem: o primeiro jogo da lista recebia vinte pontos, seguindo uma ordem decrescente na qual o vigésimo recebia um ponto (HOFMAN, 2015).

O resultado final entre os clubes brasileiros foi o seguinte: **1) Grêmio X Internacional:**

451 pontos; 2) Palmeiras X Corinthians, 427; 3) Flamengo X Fluminense, 412; 4) Flamengo X Vasco, 399; 5) Atlético X Cruzeiro, 380; 6) São Paulo X Palmeiras, 293; 7) Bahia X Vitória, 289; 8) Corinthians X São Paulo, 265; 9) Atlético Paranaense X Coritiba, 243; 10) Corinthians X Santos, 203; 11) Guarani X Ponte Preta, 163; 12) Flamengo X Botafogo, 154; 13) Remo X Paysandu, 153; 14) Santa Cruz X Sport, 142; 15) Ceará X Fortaleza, 103; 16) Vasco X Fluminense, 70; 17) Figueirense X Avaí, 67; 18) Santos X São Paulo, 66; 19) Sport X Náutico, 63; 20) Fluminense X Botafogo, 56; 21) Palmeiras X Santos, 49; 22) Brasil X Pelotas, 45; 23) América-RN X ABC, 39; 24) Goiás X Vila Nova, 34; 25) Comercial-SP X Botafogo-SP, 33 (TRIVELA, 2008, p. 34-40).³⁰

Cada um dos clássicos recebeu um curto comentário. A referência ao Gre-Nal ocupava uma página inteira, com um escrito maior que os demais. Tem uma frase que sintetiza: “*Metade do Rio Grande do Sul veste vermelho e a outra azul, e uma parte não suporta a cor da outra, por mais difícil que seja evitar o azul ou vermelho do dia a dia*” (Id., p.34). (Entenda-se aqui que estas “metades” se referem a torcedores). Foi significativa a votação do Bra-Pel, o grande clássico de Pelotas, Rio Grande do Sul, uma cidade que ainda não foi “grenalizada”. Mesmo não lidando com número de torcedores destes clubes, este achado contraria àquele da segunda pesquisa da Placar, quando foram citados Aimoré, Glória e Guarany como os clubes mais citados além da dupla Gre-Nal.

A seleção dos 25 grandes clássicos do mundo não trouxe surpresas: 1) Real Madrid X Barcelona, 585; 2) Boca Juniors X River Plate, 576; 3) Rangers X Celtic, 493; 4) Milan X Internazionale, 461; 5) Manchester United X Liverpool, 392; 6) Galatasaray X Fenerbahce, 324; 7) Roma X Lazio, 292; 8) Porto X Benfica, 229; 9) Peñarol X Nacional, 220; 10) Arsenal X Tottenham, 217; 11) Olympiacos X Panathinaikos, 202; 12) Schalke 04 X Borussia Dortmund, 185; 13) Ajax X Feyenoord, 143; 14) Liverpool X Everton, 123; 15) Juventus X Internazionale, 116; 16) Real Madrid X Atlético de Madrid, 115; 17) Estrela Vermelha X Partizan Belgrado, 108; 18) Juventus X Milan, 102; 19) Rosário Central X Newell’s Old Boys, 99; 20) Benfica X Sporting, 90; 21) Independiente X Racing, 85; 22) Al Ahly X Zamalek, 84; 23) Olympique de Marselha X Paris Saint-Germain, 77; 24) Sevilha X Betis, 73; 25) Juventus X Torino, 73 (Id., p.43-45).³¹ Neste rol estão distribuídos cinco clássicos italianos, seguindo-se Argentina, Espanha e Inglaterra com três, Portugal com dois, e todos os demais representando isoladamente seus países. No caso da Itália, a Juventus protagoniza três dos dérbis.

Em 29 de abril de 2016 a revista Placar “on-line” (Redação da Placar) publicou uma matéria intitulada “*Para revista inglesa, GreNal [sic] é o 8º maior clássico do mundo*”. O texto em questão informava: “*A revista Four Four Two [sic] divulgou nesta sexta os dez maiores clássicos do mundo na opinião dos ingleses. Boca X River ficou em primeiro lugar, seguido do clássico espanhol entre Barcelona e Real Madrid. Já*

o GreNal [sic] ficou em oitavo” (REDAÇÃO DA PLACAR, 2016). Informava ainda que o artigo “*FourFourTwo’s 50 Biggest Derbies in the World*” era da autoria do jornalista Gary Parkinson, em 25 de abril. Segundo Placar, a revista listou primeiro os dez maiores clássicos, na ordem inversa do décimo ao primeiro deles. Na revista inglesa os comentários são extensos (PARKINSON, 2016), mas a brasileira fez resumos adequados deles. Neste sentido, acrescentarei também algumas observações, especialmente no trecho dedicado ao clássico Gre-Nal.

Como 10º clássico foi escolhido Al Ahly X Zamalek, ambos caiotas, considerado o maior da África. Borussia Dortmund X Schalke 04 ficou em 9º lugar; Borussia e Gelsenkirchen são cidades do vale do Ruhr, e a distância entre elas é de apenas 35 quilômetros. O 8º foi o Gre-Nal, o único dos brasileiros. Em 7º lugar o escolhido foi Manchester United X Liverpool, o *North West Derby*; são os dois mais vezes campeões ingleses, e que também possuem as maiores torcidas, respectivamente. O *Eternal Rivalry* de Istambul, Fenerbahce X Galatasaray, ficou com a 6ª posição, disputando o inédito *Intercontinental Derby*: o primeiro fica na parte asiática da cidade, e o adversário na europeia. Em 5º apareceu Roma X Lazio, o *Derby della Capitale*; os romanos dão ao clássico mais valor que os campeonatos. Peñarol X Nacional ocupa o 4º posto entre os clássicos; é o único jogo entre grandes no Uruguai, mas ambos detêm muitos títulos internacionais. Em 3º ficou talvez a mais significativa das disputas, Celtic X Rangers, a *Old Firm* de Glasgow; o Celtic reúne a minoria católica, separatista, que fala gaélico; o Rangers representa a maioria protestante, unionista, que fala inglês. *El Clásico* entre Barcelona e Real Madrid ganhou o 2º posto; esta é tão acirrada que eclipsou os demais clubes espanhóis. Em 1º lugar ficou o *Superclásico* argentino Boca Juniors X River Plate, uma rivalidade que vai além de Buenos Aires e divide o país, iniciada quando ainda eram equipes de operários que viviam no bairro da Boca.

A revista também divulgou o rol dos 50 mais importantes clássicos do mundo.³² Entre eles há cinco *derbies* britânicos, quatro do Brasil, três da Argentina, Espanha e Itália, dois da Alemanha; todos os demais são representantes únicos dos seus países. Entre os brasileiros, o Flamengo-Fluminense tem a 18ª posição, Corinthians-Palmeiras está na 23ª, e Bahia-Vitória é o 42º clássico. É importante notar que essas escolhas não refletem o predomínio do eixo Rio-São Paulo, salientando os clássicos de dois estados periféricos. Em relação às escolhas da Trivela, não aparecem os clássicos italianos com a Juventus, o clube mais vezes campeão do país. Também o duelo entre Real e Atlético ficou de fora.

Foi notável o destaque dado ao Gre-Nal. Além de ser o único clássico brasileiro entre os dez mais bem colocados, Parkinson fez uma matéria extensa sobre o jogo, incluindo, além dos títulos, as origens, os estádios, principais jogadores, etc. Escreveu ele na abertura do texto: “*Nothing else matters in the Southern state of Rio Grande do Sul, where being neutral is impossible*”.³³ Ele

chama a atenção para a bipolaridade existente no Rio Grande do Sul, com destaque para a semelhança na difusão dos dois clubes pelo estado: “*The two sides share the state capital Porto Alegre and command roughly equal slices of its metropolitan area’s 4,5 m inhabitants, having carved up the Campeonato Gaucho state championship in similar style: of its 97 titles, they’ve won 81 (Inter shading Gremio 44 to 37).* (Id. Ibid.).³⁴

Indo além das disputas regionais, o jornalista acrescenta que o equilíbrio das duas forças no estado se reflete também com destaque nas disputas nacionais e internacionais: “*Things quickly got closer. For Much of the century-long rivalry the sides have been evenly-matched, adding a genuinely competitive edge, and not just at the regional level: they’ve won two Copa Libertadores each, Inter have three Brazilian titles to Gremio’s two, and the younger club also slightly up on the head-to-head*”³⁵ (Id. Ibid.) (A matéria foi publicada antes da terceira conquista da Copa Libertadores pelo Grêmio). Chama a atenção não terem sido relevadas as conquistas mundiais dos dois clubes, e mesmo suas presenças em mais três dos torneios mundiais de clubes.

Em 18 de outubro de 2016, no jornal virtual “Globo.com”, o jornalista Bernardo Pombo, responsável pela coluna “Pombo Sem Asa”³⁶ publicou a matéria intitulada “Ranking: com o mesmo número de votos por estado elegemos os 30 maiores clássicos do Brasil”. O trabalho, que contou ainda com a participação de Igor Rodrigues e Thiago Benevenuto, inicia com uma síntese muito acurada do que é um clássico: “*Um jogo que simboliza o que há de mais forte na rivalidade entre clubes. Que tenha cor, beleza e suor capazes de chamar a atenção em cada canto do país*” (POMBO, 2016).

A pesquisa foi feita a partir da escolha de onze jornalistas dos 26 estados, mais o Distrito Federal; aos 297 escolhidos foram acrescidos três estrangeiros residentes no país, completando um total de trezentas relações do que seriam os dez maiores clássicos brasileiros. A pontuação obedecia ao mesmo critério da revista Trivela, com a metade do número de escolhas: o clube apontado em primeiro ganhava dez pontos, decrescendo a pontuação até o décimo, que recebia um único ponto. Cabia à equipe de Pombo contabilizar as pontuações e elencar os 30 maiores dérbis nacionais. Obtidos os resultados, escreveu Pombo: “*O ranking final teve **Grêmio X Internacional** como o maior clássico do Brasil, seguido muito perto por Corinthians X Palmeiras. Flamengo X Vasco, Flamengo X Fluminense e Atlético X Cruzeiro completam o Top 5*” (Id. Ibid.).

O rol completo foi o seguinte: 1) **Gre-nal (2400)**; 2) Corinthians X Palmeiras (2370); 3) Flamengo X Vasco (2177); 4) Fla-Flu (2016); 5) Atlético X Cruzeiro (1943); 6) Corinthians X São Paulo (1127); 7) Ba-Vi (1080); 8) Remo X Paysandu (672); 9) Santa Cruz X Sport (650); 10) Palmeiras X São Paulo (534); 11) Atle-Tiba (347); 12) Ceará X Fortaleza (271); 13) San-São (140); 14) Corinthians X Santos (130); 15) Botafogo X Fluminense (70); 16) Náutico X Sport (66); 17) Guarani X Ponte Preta (65); 18) Botafogo X Flamengo (61); 19) Corinthians X Flamengo (61);

20) Palmeiras X Santos (39); 21) Goiás X Vila Nova (34); 22) Botafogo X Vasco (27); 23) Fluminense X Vasco (21); 24) Atlético MG X Flamengo (16); 25) Mixto X Operário MT (14); 26) Campinense X Treze (14); 27) Avaí X Figueirense (13); 28) CRB X CSA (13); 29) Confiança X Sergipe (12); 30) Bra-Pel (12).

A listagem é quase igual àquela obtida pela revista Trivela; até a quinta posição ela é idêntica! Além da relação geral dos grandes jogos do Brasil, a reportagem trouxe uma avaliação estadual dos clássicos: o Gre-Nal foi a primeira escolha em 12 estados (Bahia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins); Flamengo X Vasco ganharam em seis estados e no Distrito Federal (Acre, Rondônia, Amazonas, Amapá, Maranhão, Piauí e Distrito Federal); Corinthians X Palmeiras foram preferidos em seis estados (Roraima, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Espírito Santo e Paraná); o Fla-Flu foi a escolha principal apenas em Alagoas. Completa a estatística Atlético X Cruzeiro, que foi o preferido apenas no seu estado. A difusão do Gre-Nal em Santa Catarina e no Centro-Oeste obedece a lógica de uma imigração de rio-grandenses pela região, mas é uma novidade sua presença no Nordeste. Já o Fla-Flu surpreendeu pela sua pequena expressão como clássico nas diferentes regiões, superado pela mais tradicional rivalidade Flamengo X Vasco.

Outro registro foi realizado em 25 de novembro de 2019 pelo FUTBOX Centro de Pesquisa Gráfica sobre Futebol através do seu Portal (PORTAL FUTBOX, 2019). A chamada era para a matéria “*GreNal é o clássico no Brasil de maior rivalidade segundo reportagem do jornal inglês Daily Mirror de 15 de setembro desse ano, divulgada pela Agência eMarket*” (PORTAL FUTBOX, 2019).

Antes da apresentação do material vindo do *Mirror*, o FUTBOX tratou daquelas rivalidades entre clubes que se tornam “clássicas” pela capacidade de empolgação das torcidas, o que quase sempre se traduz por disputas dentro da mesma cidade ou em localidades próximas: “*A paixão, a cantoria e a provocação ganham força e dão o ritmo a esse jogo tão importante*”. (Id. Ibid.).³⁷

O texto original do *Mirror* intitulou-se “*The top 20 rivalries in world football ranked – from Boca-River to Old Firm derby*”. Era assinada por Conor Faherty, e levava como subtítulo a frase “*Matches between rivals are some of the most enthralling on the calendar*”.³⁸ (Id. Ibid.). Os vinte clássicos escolhidos, em ordem decrescente, foram: 20. Chivas Guadalajara X Club América; 19. Flamengo X Fluminense; 18. Manchester United X Manchester City; 17. FK Velez X HSK Zrinjski (Mostar – Bósnia); 16. Partizan Belgrade X Red Star Belgrade; 15. Ajax X Feyenoord; 14. Hadjuk Split X Dínamo Zagreb; 13. AC Milan X Internazionale; 12. Independiente X Racing Club; **11. Grêmio X Internacional**; 10. Nacional X Peñarol; 9. Borussia Dortmund X Schalke 04; 8. Liverpool X Manchester United; 7. Arsenal X Tottenham; 6. Galatasaray X Fenerbahce; 5. Olympiacos X

Panathinaikos; 4. Barcelona X Real Madrid; 3. Al Ahly X Zamalek; 2. Boca Juniors X River Plate; 1. Celtic X Rangers.

Para uma destas escolhas foi escrito um texto sobre as principais características das equipes e de seus enfrentamentos ao longo de muito tempo. A razão maior para a escolha do clássico escocês entre Celtic e Rangers, chamado de *Old Firm*, teve a ver com as implicações religiosas e políticas que carrega consigo: “*A derby like no Other and it’s right on our doorstep. It goes much further than just football, as political tensions often come into play when these two sides meet. Differences in alternate sectors have been combined to make this fixture the most unique in the world*”³⁹ (Id. Ibid.).

Não é surpresa que o *Superclásico* Boca-River apareça como segundo, destacando a feroz rivalidade que obrigou a transferência do jogo final de Copa Libertadores da América de 2018 para Madrid. O grande clássico espanhol entre Barcelona e Real Madrid ficou em quarto, atrás dos caiotas Al Ahly e Zamalek, cujas disputas são muito violentas (Observo que as enquetes internacionais examinadas colocam os três jogos nas principais posições, mas que cada uma delas elegeu um clássico diferente como o maior de todos).

Dos 20 dérbis, três são ingleses, dois argentinos, dois brasileiros e os demais são representantes únicos dos seus países. Entre os brasileiros, uma vez mais foi o Gre-Nal que obteve a melhor colocação, desta vez na décima-primeira posição. O jornal salienta a versão mais concorde com o senso comum sobre a identidade do Grêmio com as elites e o Internacional como associação popular: “*Grêmio were elitist whilst Internacional were open to all... and they soon closed the gap between their rivals. The two sides are the most dominant in the south of Brazil and on matchday you can expect passion aplenty*”⁴⁰ (Id. Ibid.). A estatística dos resultados foi dada corretamente: 424 jogos, 156 vitórias do Internacional contra 130 do Grêmio” (Id. Ibid.).

Finalmente, em 4 de dezembro de 2019, novamente a *FourFourTwo*, agora em uma reportagem assinada por Greg Lea. Divulgou novamente o rol dos 50 grandes clássicos: “*FourFourTwo Ranked! The 50 biggest derbies in world football*”. O jornalista explica os critérios que orientam as escolhas, que repetem aquelas realizadas três anos antes. Como novidade, trouxe para os dez mais as vitórias obtidas nos seus clássicos.⁴¹ Sobre o Gre-Nal, salienta a rivalidade local, dando mais ênfase aos campeonatos estaduais que aos títulos mais importantes: “*The two sides share the state capital Porto Alegre and command roughly equal slices of its metropolitan area’s 4,5m inhabitants, having carved up the Campeonato Gaúcho state championship in similar style: of its 99 titles, they’ve won 82 (Inter shading Grêmio 45 to 38)*”⁴² (LEA, 2019).

Ao que parece, tanto na imprensa nacional quanto na britânica que foram consultadas, o Gre-Nal tem uma visibilidade destacada, que ao menos faz pensar numa importância desproporcional ao desempenho nos campos de jogo, mesmo considerando que Grêmio e

Internacional participaram de torneios relevantes no país e fora dele.

Considerações Finais, quem sabe...

Faço aqui, mais do que conclusões, encaminhar algumas hipóteses que poderiam ser pensadas para discutir a rivalidade Gre-Nal para além dos limites dos campos de jogo ou da História do Futebol, propriamente. Creio que temos no futebol do Rio Grande do Sul aspectos políticos, sociais e culturais próprios de um estado – no passado uma província – fronteiriço, que recebeu muitas das influências que vinham do Prata.

Isso tem a ver com as características do futebol no estado, especialmente com a acentuada polarização para que o clássico Gre-Nal tenha um surpreendente protagonismo nacional e fora do país. Sugiro aqui que clubes de um estado periférico e subsidiário na economia nacional, aparentemente se beneficiaram da importância de um papel político desproporcional que o Rio Grande do Sul assumiu desde o século XVIII, relacionado à posição fronteiriça.

O território do Rio Grande do Sul foi pensado como uma “marca” lusitana em terras espanholas. Afinal, no “desenho” da América Portuguesa acordado com os espanhóis nos tratados do Setecentos, foi referendada a existência de uma “Ilha Brasil”, delimitada por divisores de águas dos rios afluentes das bacias do Amazonas e do Prata; isto correspondia a uma América Espanhola como “Continente”. Nestas concepções, o atual Rio Grande do Sul estaria incluído neste espaço e, por este motivo, foi chamado de Continente e, mesmo reconhecido assim, seguiu sendo objeto de ocupação por parte dos lusitanos.⁴³

O processo de descolonização e organização dos Estados nacionais trouxe uma situação de singular importância para o Rio Grande do Sul, fazendo de seus chefes militares, quase todos latifundiários e criadores, o papel de fiadores de uma fronteira ameaçada por projetos políticos republicanos e federalistas que vinham dos países do Prata. Estes contatos com os países vizinhos, levados de forma autônoma em relação aos interesses do Reino Unido primeiro e do Império do Brasil depois, fizeram da província sulina, que em última instância garantia os limites do país, um problema que atravessou todo o século XIX. Desde tentativas de incorporação do território uruguaio pelo Reino Unido, passando pelas relações que os rebeldes farroupilhas estabeleceram com caudilhos platinos e, mais tarde, pelas interferências diretas nas guerras civis, causas remotas da Guerra do Paraguai, teve o Rio Grande um papel controverso em relação ao Império do Brasil. Essas questões novamente se acirram após a Proclamação da República, quando o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) se opunha aos mandos dos antigos “senhores da guerra” das fronteiras. A Revolução de 1893, o maior conflito interno da República

antes de Canudos, trouxe insígnias políticas que ainda no século XX persistiam: os federalistas e seus lenços colorados, os republicanos com os lenços brancos.

O Rio Grande do Sul, portanto, tem uma longa tradição de polarização política que, muitas vezes, o afastou da política nacional. Oposição acirrada entre federalistas e republicanos até o final dos anos 1930, quando os adversários se juntaram para derrubar a República Velha. Quando, mais tarde, o Partido Social-Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foram criados por Vargas para formarem alianças, representando setores da elite com os trabalhadores, elas não deram resultados no Rio Grande do Sul, onde quase sempre o PTB disputava contra todos os demais. Muito depois aconteceria algo semelhante com o Partido dos Trabalhadores (PT) do estado, em oposição a todas as demais agremiações partidárias. Ou seja, um comportamento político marcado por uma bipolarização que inicia lá no XIX, diversamente das disputas políticas mais abertas dos demais estados.⁴⁴

Quero ver nessa especificidade política rio-grandense uma das muitas influências platinas que atravessam as fronteiras desde o início do século XIX. Nestes países, as tensões políticas eram invariavelmente bipartidárias, herança mantida até os dias atuais. *Federalistas e Unitários* no XIX, *Radicales e Peronistas* desde o século XX na Argentina, *Blancos e Colorados* desde o século XIX, hoje *Frente Amplio* contra aqueles partidos tradicionais.

Também no futebol as rivalidades entre clubes na Argentina e no Uruguai são muito extremadas, e as *barras bravas* estão presentes nas torcidas de quase todos os principais clubes.⁴⁵ O Uruguai tem um dos clássicos mais tradicionais do mundo, Peñarol e Nacional, dois clubes também muito destacados nas competições internacionais. Já na Argentina, há rivalidades entre dois clubes locais em várias cidades, todas consideradas clássicas.⁴⁶ Mas mesmo na própria Capital Federal de Buenos Aires, além do *Superclasico* Boca e River, há outros jogados por equipes muitas vezes pouco distinguidas, mas que mantêm muita tradição.⁴⁷

Neste sentido, penso que o Gre-Nal também em parte é tributário destas disputas encarniçadas entre vizinhos de bairros e de cidades. Não são casuais, portanto, relações entre algumas das torcidas organizadas de Porto Alegre com as *barras* de alguns clubes argentinos, muitas vezes incendiadas quando de partidas de torneios continentais, como Copa Libertadores da América ou Copa América. Já há no Brasil importantes trabalhos sobre torcidas de clubes do Rio de Janeiro e São Paulo.⁴⁸ Ignoro se também existem em outros estados, mas no Rio Grande do Sul são poucos os textos universitários sobre o futebol. E deles, quanto ao Gre-Nal, há um silêncio.

Claro, afinal de contas, Grenal é Gre-Nal!

Referências:

- AGOSTINO, Gilberto. Populistas, ditadores e guerrilheiros. In: **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2002.
- ALABARCES, Pablo. **Crônicas del Aguantante**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.
- ALABARCES, Pablo. **Héroes, machos, patriotas**. Barcelona: Aguilar, 2014.
- ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. London: Verso, 1983.
- ANTUNES, Fátima M. Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa”**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- AQUINO, Rubim. **Futebol**: uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- ARAGÓN, Sílvia. Neoliberalismo, construção de novas subjetividades e violência no futebol argentino contemporâneo. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; AGUILAR, Onésimo Rodríguez (Orgs.). **Torcida na América Latina**: estudos contemporâneos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- BELLOS, Alex. **Futebol**: o Brasil em campo. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CHIARAMONTE, José Carlos. **Mercaderes del litoral**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- COIMBRA, David et al. **A História dos Grenais**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- DAMATTA, Roberto & al. **O universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Football Portoalegrense e seus torcedores. Porto Alegre: UFRGS, PPG em Antropologia Social, 1998. Dissertação de Mestrado.
- DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, vol 13, nº 23, 1999, p.87-117.
- DAMO, Arlei Sander. Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil. In: **Verso & Reverso**. São Leopoldo: UNISINOS, Ano XVI, nº 34, 2002/1, p.79-88.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec, 2007.
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- DICIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Madrid: Real Academia Española, 1992 (2 tomos).
- DICIONÁRIO DE ESTRANGEIRISMOS – PORTAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. <http://www.oslin.org/pt/portal/index.php?action=loanwords&act=list>
- DIENSTMANN, Cláudio. **Campeonato Gaúcho**: 68 anos de Glória. Porto Alegre: Sulina, 1987.
- DO CABO, Álvaro. Um raio-X da *Revista do Esporte*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

EDITORA CYCNUS. **Revista Gool.** Porto Alegre. <https://www.facebook.com/Revista-Gool-153792754665976/>

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Zahar, 1990 (2 vol.).

FOURFOURTWO. <https://www.fourfourtwo.com/>

FRAGA, Gérson Wasen. **A “Questão Barbosa”:** futebol, nacionalismo e derrota na Copa do Mundo de 1950 através da imprensa escrita brasileira. Porto Alegre: UFRGS, PPG em História, 2007. Projeto de Tese de Doutorado (mimeo).

FRANCO JR. Hilário. **A dança dos deuses:** futebol, nacionalismo e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. **El fútbol a sol y sombra.** Buenos Aires: Catálogos, 1995.

GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni L. **Nações em campo:** Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

GELLNER, Ernest. **Tought and Change.** London, Weidenfel & Nicholson, 1964.

GELLNER, Ernest. **Nations and nationalism.** Ithaca (NY): Cornell University Press, 1983.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GLOBO.COM <https://www.globo.com/>

GLOBO ESPORTE.COM <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/maiores-torcidas-do-brasil-veja-evolucao-de-pesquisas-de-1993-a-2019.ghml>

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **O horizonte da província:** a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845). Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. Tese de Doutorado (mimeo).

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: a construção da “província del chuteiras”. **Anos 90.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, n° 13, julho de 2000, p21-50.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. O Rio Grande de São Pedro na primeira metade do século XIX: Estados-nações e regiões-províncias no Rio da Prata. In: GRIJÓ, Luiz A. & al. **Capítulos de História do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Textos e lenços: representações de federalismo na República Rio-Grandense (1836-1845). São Paulo: **Almanack Braziliense**, n° 1, maio 2005, p.54-67.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **O horizonte da província:** a República Ro-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata (1835-1845). Porto Alegre: Linus, 2013.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Uma linha, uma ilha e um continente: nas fronteiras terra adentro, um reino pariu um Império (1530-1830). In: BATISTELLA, Alessandro; DOMINGOS, Charles S. M; ANGELI, Douglas S. (Orgs.). **Capítulos de História Política.** São Leopoldo (RS): Oikos, 2018.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; COERTJENS, Marcelo; WASSERMANN, Cláudia. Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto brasileiro (1930 e 1938). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo – SP, v. 18, n° 3, 2004, p.249-262.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. FRAGA, Gerson W; STÉDILE, Miguel E. A.; QUINSANI, Rafael H. **À sombra das chuteiras meridionais:** uma história social do futebol (e outras coisas...). Porto Alegre: Fi, 2021.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol:** estudos antropológicos sobre os significados

do futebol brasileiro. Niterói: UFF, 1998.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOFMAN, Gustavo. http://www.espn.com.br/blogs/gustavohofman/486605_qual-e-o-maior-classico-do-mundo-e-o-maior-brasileiro

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Os estudos do futebol na Inglaterra: um balanço bibliográfico da produção acadêmica sobre hooliganismo. **História da Historiografia**, v 14, 2021, p. 289-318.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz H; MELO, Victor A. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio L. (Orgs). **Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, Rio de Janeiro, 2015.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer. Depoimento de lideranças de torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: EDUC, 2019.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Recenseamentos Gerais e Estatísticas Populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro, 1991.

IECKHOFF, Alain. La nation comme communauté de culture. In: **La nation dans tous ses États**. Paris: Flammarion, 2000.

LEA, Greg. FourFourTwo Ranked! **The 50 biggest derbiest in world football**. <https://www.fourfourtwo.com/us/gallery/ranked-50-biggest-derbies-world-football-2>

MALAIA, João. *Placar: 1979*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar: por uma geografia fo futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. São Paulo: USP – Tese de Doutorado, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v. 13, nº 23, 1999, p.17-39.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da *canela preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, nº 11, julho de 1999.

MASCARENHAS, Gilmar. Construindo a “Pátria de Chuteiras”: elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil. In: SCHÄFFER, Neiva et al. (Orgs.). **Ensinar e aprender geografia**. Porto Alegre: AGB, 1998, p.93-103.

MIRROR. <https://www.mirror.co.uk/sport/football/news/top-20-rivalries-world-football-20044798>

MORRIS, Desmond. **A tribo do futebol**. Porto: Universidade do Porto, 2017.

- MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- NOVO MICHAELIS. DICIONÁRIO ILUSTRADO (VOL. I. INGLÊS-PORTUGUÊS. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- NEW INTERNATIONAL WEBSTER'S COMPREHENSIVE DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE (THE). Chicago (IL): Trident Press International, 1996.
- OSTERMANN, Rui Carlos. **Meu coração é vermelho**: Sport Club Internacional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- OSTERMANN, Rui Carlos. **Até a pé nos iremos**: Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.
- PARKINSON, Gary. **FourFourTwo's 50 Biggest Derbies in the World**. London: FourFourTwo, April 25, 2016. <https://www.fourfourtwo.com/features/fourfourtwos-50-biggest-derbies-world>
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PLACAR, nº 682, Editora Abril: São Paulo, 17 de junho de 1983.
- PLACAR, nº 1088. Editora Abril: São Paulo, outubro de 1993.
- PLACAR. Redação da Placar. Abril Cultural. São Paulo: 29 de abril de 2016. <https://veja.abril.com.br/placar/para-revista-inglesa-grenal-e-o-8-maior-classico-do-mundo/>
- PLACAR. **Maiores Torcidas. Grêmio. Internacional**. São Paulo: Editora Abril, edições de 1979, 1984, 1989.
- PLACAR. **Grandes reportagens de Placar. Grêmio. Internacional**. São Paulo: Editora Abril, edições de 2001.
- PLACAR. **Grandes perfis de Placar. Grêmio. Internacional**. São Paulo: Editora Abril, edições de 2002.
- POMBO, Bernardo. Pombo sem asa! <https://globo.com>
- PORTAL FUTBOX. <https://www.futbox.com/pt>
- RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: UFPel, 2004.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: EDUSP/UNICAMP/Perspectiva, Coleção Debates, vol. 258, 1993.
- SANTOS, Joel Rufino. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SILVA, Francisco C. T. da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Orgs.). **Memória social dos esportes**: futebol e política – a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2006.
- SOARES, Antonio J. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: uma releitura da história oficial. Tese (doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, 1998.
- TAHAN, Malba. A lenda do jogo de xadrez. In: **O homem que calculava**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p 97-103.
- THIESSE, Anne-Marie. La nation comme horizon. In: **La creation dès identités nationsled**: Europe XVIIIe-XXe. Paris: Seuil, 2001, p. 137-159.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Cidade e o jornal: a *Gazeta Esportiva* e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol não tem lógica? In: TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

TRIVELA. **Trivela Comunicação**. Campinas: outubro de 2008.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Notas:

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou Estágios Pós-Doutorais na Universidad Nacional de General Sarmiento (UNGS) na Argentina, na Universidade de Lisboa (UL) e na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor Titular do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História, e do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: cguazza@terra.com.br / <https://orcid.org/0000-0002-8080-9621>

² *O Homem Que Matou o Facínora (The Man who shot Liberty Valance)*. Direção de John Ford, Produção de John Ford-Willis Goldbeck, Estados Unidos da América, Paramount Pictures, 1962.

³ O zoólogo, etólogo e sociobiólogo Desmond Morris (2018, p. 26-28) identifica no jogo de futebol “*uma caçada ritual*” ou “*uma batalha estilizada*”.

⁴ É bem verdade que os jogos em geral são representações de combates. O próprio xadrez, possivelmente o mais intelectualizado deles, simboliza um campo de batalha. Segundo uma lenda indiana, o Rei é defendido de perto pelo clero (os Bispos), pela Cavalaria (os Cavalos, por óbvio), pela Elefantaria (as Torres, que protegiam os guerreiros montados em elefantes) e pela infantaria (os Peões), enquanto a Rainha representaria o “patriotismo” do povo ou sua “exaltação” de amor pelo seu rei, daí ser a mais poderosa das peças do xadrez (TAHAN, 2013, p.97).

⁵ “É uma comunidade política imaginada – e imaginada como inerentemente limitada e soberana”. Tradução minha.

⁶ “O nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele inventa nações onde elas não existem”. Tradução minha.

⁷ “Uma mera categoria de pessoas (digamos, ocupantes de um determinado território, ou falantes de uma determinada língua, por exemplo), torna-se uma nação se e quando os membros desta reconhecem firmemente certos direitos e deveres mútuos entre si em virtude da sua partilha, adesão a ele (...) é o reconhecimento mútuo como companheiros deste tipo que os transforma numa nação, e não os outros atributos partilhados, quaisquer que sejam, que separam essa categoria dos membros nomeados”. Tradução minha.

⁸ *O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata* (GUAZZELLI, 1998). Com algumas mudanças, publiquei-a depois como livro (GUAZZELLI, 2013). Também usei o conceito em outro texto relacionado ao tema (GRIJÓ et. al, 2004, p.91).

⁹ Já em 1900, no ano de sua fundação, o *Sport Club* Rio Grande jogou contra uma associação uruguaia, o que se repetiria com times formados na zona sul e na fronteira oeste; em 1914 foi formada a primeira Seleção do Rio Grande do Sul para bater-se contra um selecionado uruguaio, com a realização de jogos em Porto Alegre e Pelotas.

¹⁰ As raras exceções em que a identidade provincial-regional falou mais alto que esta disputa seriam

quando os interesses dos dois clubes estiverem comprometidos simultaneamente em relação à Confederação Brasileira de Desportos (CBD). 1) Durante as duas edições do “Robertão”, quando o antigo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, conhecido como Rio-São Paulo, foi ampliado com a inclusão de Grêmio e Internacional do Rio Grande do Sul, Atlético Mineiro e Cruzeiro de Minas Gerais e Ferroviário do Paraná em 1967; e em 1968 com o Bahia e o Náutico Capibaribe, e com o Coritiba representando o Paraná; em ambas as participações os clubes do Rio Grande do Sul estabeleceram um caixa-único para as finanças de ambos, o estádio Olímpico foi palco dos jogos dos dois clubes e surgiu uma insólita “torcida Gre-Nal” que apoiava os clubes locais contra os de fora do estado. 2) Quando houve a “crise” pela não convocação do jogador gremista Everaldo Marques da Silva para a Seleção Brasileira – da qual ele fizera parte na conquista da Copa do Mundo no México dois anos antes – que disputaria a Copa Independência em 1972; isto provocou grande comoção no público esportivo rio-grandense, resultando num jogo em 17/6/1972 entre a Seleção Brasileira e a Seleção Gaúcha, convocada entre os atletas de Grêmio e Internacional, quando o Estádio Beira-Rio foi tomado por mais de 100.000 espectadores de ambas as torcidas, apoiando fervorosamente o escrete rio-grandense contra o nacional (GUAZZELLI, 2000, p.21).

¹¹ Curiosamente, a associação jamais foi chamada pelo nome próprio Porto-Alegrense, mas sempre como Grêmio, o tipo genérico da instituição.

¹² Outras disputas clássicas estaduais no país também são abreviadas, mas mesmo para quem não esteja habituado a tal uso, como são usadas as primeiras sílabas dos nomes dos respectivos clubes, existe a mesma lógica: Fla-Flu, para **F**lamengo e **F**luminense, do Rio de Janeiro; San-São, para **S**antos e **S**ão Paulo, das cidades homônimas; Ba-Vi, para **B**ahia e **V**itória, de Salvador. Existem outras no próprio Rio Grande do Sul: Rio-Rio, entre **R**io Grande e **R**io-Grandense, ambos da cidade de Rio Grande; Bra-Pel, entre **B**rasil e **P**elotas, em Pelotas; Ca-Ju, entre **C**axias e **J**uventude, em Caxias do Sul; Ba-Gua, entre **B**agé e **G**uarany, em Bagé. Outra disputa que era clássica em Porto Alegre, **I**nternacional contra o **C**ruzeiro local chama-se Inter-Cruz, aqui devolvendo ao primeiro o uso das sílabas iniciais do seu nome; da mesma forma, o clássico contra o **G**rêmio é Gre-Cruz. Duas outras raras combinações entre o início do nome de um clube e o final do outro são Atle-Tiba, entre **A**tlético Paranaense e **C**oritiba, e o pitoresco Come-Fogo, entre **C**omercial e **B**otafogo de Ribeirão Preto.

¹³ O Rio Grande, da cidade homônima, foi o primeiro clube de futebol fundado no estado, em 19 de julho de 1900. É o clube de futebol mais antigo em atividade no país – 23 dias antes da Ponte Preta – e sua data de fundação foi instituída pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como “Dia do Futebol”. Seus fundadores eram na maioria descendentes de alemães, o que diferencia dos demais estados brasileiros e dos países do Rio da Prata, onde a disseminação do futebol.

¹⁴ O Fussball e o Grêmio criaram o Taça *Wanderpreis*, que inaugurou o futebol porto-alegrense em 12 de novembro de 1903 e foi disputado até 1912. O Fussball nunca se profissionalizou e fechou em 1944.

¹⁵ O Grêmio teve diferentes distintivos ao longo de sua história. Todos eles, até 1963, destacavam na parte negra do escudo a palavra “FOOT-BALL”, encimada pela letra “G”, tendo por baixo “P.A.”. Depois daquele ano, o detalhe passou a ser “GRÊMIO”, sobreposto por “1903”, ano da fundação do clube, e a sigla “FBPA” debaixo. “Grêmio” definitivamente deixava seu sentido de associativo e tornava-se nome próprio! Há outros exemplos, dois deles entre os grandes clubes brasileiros: tanto o Clube Atlético Mineiro, do estado de Minas Gerais, quanto o Clube Atlético Paranaense, do Paraná, são chamados simplesmente de “Atlético”. Inadvertidamente, a imprensa argentina chama-os respectivamente de “Mineiro” e de “Paranaense”, pois a maioria de seus clubes de futebol têm seus nomes precedidos por *Club Atlético*; quanto ao Grêmio, foi durante alguns anos chamado por eles de “Porto Alegrense” ou até mesmo de “Porto Alegre”!

¹⁶ As cores iniciais eram o azul e o havana, que era uma cor de tecidos muito rara. Trocado pelo preto e acrescentando o branco, criou-se a tricolor; as listras verticais, no entanto, são do final dos anos 1920.

¹⁷ O azul gremista motivou alguns casos peculiares referentes à identidade do clube e a importância dela para seus simpatizantes. Um primeiro episódio aconteceu na comemoração pela vitória no último Gre-Nal do Campeonato Gaúcho de 1961, em 10 de dezembro, mesmo tendo perdido o título para o rival Internacional. Pela primeira vez apareceu em cena um Papai Noel azul, uma versão gremista que até os dias de hoje surpreende as pessoas de fora do estado que visitam o Rio Grande do Sul.² Outra aparição do

azul é ainda mais inusitada. Em 1987, a Coca-Cola patrocinou todos os clubes que disputaram o Campeonato Brasileiro, e o contrato exigia a exibição destacada da marca de empresa nas camisas. Isto foi aceito por todos os participantes, independentemente de suas cores. No entanto, o Grêmio recusou-se a colocar qualquer marca vermelha em seu uniforme. E o Grêmio “ganhou” a disputa, com a marca da Coca-Cola em preto, fato que creio ser inédito! Finalmente, foi criada uma bandeira azul para o Partido dos Trabalhadores (PT) do Rio Grande do Sul, no início do governo de Olívio Dutra como prefeito de Porto Alegre (1989-1993), uma alternativa para satisfação de torcedores gremistas do partido, inconformados por sacudirem a bandeira vermelha tradicional.

¹⁸ Duas anedotas sobre o Colorado. Desde 2001 o Banco do Estado do Rio Grande do Sul patrocina Grêmio e Internacional, cujas camisas trazem a sua marca. E ela azul, com letras brancas. Assim, nos uniformes e no próprio estádio, o nome do banco aparece num fundo vermelho. O outro caso é muito vexatório! Em 19 de março de 2019, o presidente do clube, Marcelo Medeiros, foi a Brasília fazer agrado ao presidente Bolsonaro e ao seu então ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, porto-alegrense e torcedor do Internacional. Ambos receberam camisas n.º 10, personalizadas com seus nomes, porém as brancas, do segundo uniforme. Seria por medo de que o presidente rejeitasse o “manto sagrado” pela sua manifesta ojeriza contra o vermelho, para ele uma representação do “comunismo” avessa ao verde-amarelo “patriótico”? A “magia” da camisa n.º 10 é parte das tradições futebolísticas. Elas costumemente eram atribuídas aos jogadores mais técnicos, que ditavam o ritmo das partidas e que armavam os ataques. Listo aqui alguns nomes famosos: Puskas, Pelé, Rivelino, Tostão, Gerson, Eusébio, Overath, Matthaus, Platini, Zidane, Maradona, Messi, Mbappé, entre muitos. No Internacional ela pertencia a Andrés Nicolás D'Alessandro, desde 2008 até sua aposentadoria em 2020.

¹⁹ Historicamente, as facções políticas no Rio Grande do Sul tiveram disputas muito polarizadas, nas quais as cores eram significativas. Durante a Guerra dos Farrapos, o vermelho era a cor dos rebeldes. De alguma forma herdeiros destes, os federalistas da Revolução de 1893 usavam lenços colorados em contrapartida aos brancos usados pelo Partido Republicano então no governo. Esta usança se repetiria na Revolução de 1923. Por seu turno, as cores rio-grandenses eram versões locais dos partidos Colorado e Blanco do Uruguai. Em relação à Argentina, o azul dos Unitários e o vermelho dos Federalistas tinha a mesma dimensão.

²⁰ “1. Uma corrida anual de cavalos de três anos realizada em Epsom Downs, em Surrey, Inglaterra, em homenagem ao fundador, o 12.º Conde de Derby (1780). 2. Qualquer corrida de cavalos de importância semelhante; especialmente o Kentucky Derby”.

²¹ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Clássico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Clássico_(futebol)) (futebol)

²² DICIONÁRIO DE ESTRANGEIRISMOS. PORTAL DA LÍNGUA POTUGUESA INSTITUTO DE LINGÜÍSTICA TEÓRICA E COMPUTACIONAL. O ITELIC era uma fundação privada portuguesa que atuou de 1988 a 2015, associada à Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério de Educação e Ciência de Portugal, à Universidade de Lisboa e à Universidade Nova de Lisboa. https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_de_Linguística_Teórica_e_Computacional

²³ Os dados mapeados são os seguintes: **Brasil:** Grêmio x Internacional (Gre-Nal) 424; Flamengo x Fluminense (Fla-Flu) 425; Flamengo x Vasco da Gama (Clássico dos Milhões) 409; Corinthians x Palmeiras (Derby Paulista) 363; Corinthians x São Paulo (Majestoso) 345; Atlético Mineiro x Cruzeiro (Clássico de Minas) 514 (496); Bahia x Vitória (Ba-Vi) 492. **Argentina:** Unión x Colón (Clásico Santafesino) 141; Estudiantes x Gimnasia y Esgrima (Clásico Platense) 166; Rosario Central x Newell's Old Boys (Clásico Rosarino) 265; Independiente x Racing (Clásico de Avellaneda) 226; Boca Juniors x River Plate (Superclásico del Fútbol Argentino) 349 Jogos. **Uruguai:** Peñarol x Nacional (Clásico del Fútbol Uruguayo) 550 / **Escócia:** Celtic x Rangers (The Old Firm) 423. **Inglaterra:** Arsenal x Tottenham (North London Derby) 187; Manchester United x Liverpool (North West Derby) 205; Manchester City x Manchester United (Manchester Derby) 182; Sheffield United x Sheffield Wednesday (Steel City Derby) 131; Everton x Liverpool (Merseysid Derby) 235. **Itália:** Genoa x Sampdoria (Derby della Lanterna) 96; Roma x Lazio (Derby della Capitale) 187; Internazionale x Milan (Derby della Madonnina) 328, Juventus x Torino (Derby della Mole) 236; Juventus x Internazio 286; **nale** (Derby d'Itália) 249. **Espanha:** Real Sociedad x Atlético Club (Dérbi Basco) 286; Barcelona x Espanyol (Derbi Barceloni) 205; Sevilha X Real

Betis (Dérbi de Andalucia), 129; Atlético Madrid x Real Madrid (Dérbi de Madrid) 286; Real Madrid x Barcelona (El Clásico) 244.

²⁴ A palavra “gaúcho” que designava historicamente os homens dos campos platinos tornou-se a partir de fins do século XIX, um termo gentílico para sul-rio-grandense – não apenas para os habitantes, mas também para instituições, categorias sociais, objetos etc. Em 1918 foi criada em Porto Alegre, já usando o adjetivo neste sentido, a Federação Gaúcha de Futebol que, em 1919, promoveu o primeiro Campeonato Gaúcho de Futebol. Ele é campeonato estadual mais antigo do Brasil. Nos demais estados as disputas dos grandes clubes se restringiam às capitais. A primeira edição foi em 1919, com a conquista pelo Grêmio Esportivo Brasil, de Pelotas

²⁵ Somente em 16 ocasiões outros clubes ganharam o Campeonato Gaúcho: Brasil (Pelotas) em 1919; Guarany (Bagé) em 1920; Bagé (Bagé) em 1925; Americano (Porto Alegre) em 1928; Cruzeiro (Porto Alegre) em 1929; Pelotas (Pelotas) em 1930; São Paulo (Rio Grande) em 1933; 9º Regimento de Infantaria (Pelotas): 1935; Rio Grande (Rio Grande) em 1936; Grêmio Santanense (Santana do Livramento) em 1937; Guarany (Bagé) em 1838; Rio-Grandense (Rio Grande) 1939; Renner (Porto Alegre) 1954; Juventude (Caxias do Sul) em 1998; Caxias (Caxias do Sul) em 2000; Novo Hamburgo (Novo Hamburgo) em 2017. Informações adicionais: 1) nos anos de 1923 e 1924 o Campeonato Gaúcho foi interrompido devido à Revolução de 1923; 2) o Guarany foi o único deles a ganhar dois títulos; em 1935, o certame foi chamado de Campeonato Farroupilha, ganho pelo 9º Regimento de Infantaria que então mudou o nome para Farroupilha; 5) o Americano foi extinto em 1941 e o Renner fechou suas portas em 1957; 6) o Cruzeiro em 2018 mudou-se para Cachoeirinha, região metropolitana de Porto Alegre.

²⁶ Em 27 de outubro de 2017 a FIFA reconheceu as Copas Intercontinentais como Copas do Mundo.

²⁷ A mesma página reproduziu os achados na pesquisa de 1983, mas acrescenta às porcentagens os números de torcedores por clube: Flamengo 11.830.000, Corinthians 6.490.000, Palmeiras 3.430.000, Vasco 3.430.000, Santos 2.670.000, Atlético Mineiro 2.670.000, São Paulo 2.290.000, Botafogo 1.900.000, Cruzeiro 1.900.000, Bahia 1.900.000, Grêmio 1.900.000, Fluminense 1.152.000, Internacional 1.152.000, Náutico 760.000, e Sport 760.000.

²⁸ Estes achados mostram fragilidades da pesquisa: os clubes de São Leopoldo, Vacaria e Bagé desde muitos anos não participavam da primeira divisão do Campeonato Gaúcho, e não há informações sobre quais cidades foram visitadas. Muito provavelmente os valores seriam muito diferentes de houvesse consultas nas principais praças do interior, Pelotas e Caxias do Sul; lá os torcedores do Brasil, Pelotas, Caxias e Juventude superariam muito aqueles citados.

²⁹ O censo de 1991 (IBGE op. cit.) contou para a região Sul 22.117.026, enquanto o Rio Grande tinha os já referidos 9.412.242, aproximadamente 45,5%. Mesmo que existam muitos torcedores da dupla Gre-Nal no extremo oeste de Santa Catarina e Paraná, pode-se supor que é a enorme fidelidade aos clubes do próprio estado que explica o predomínio regional de Grêmio e Internacional.

³⁰ Também foram lembrados: Caxias x Juventude (17), Náutico x Santa Cruz (16), Treze x Campinense (14), Flamengo x Grêmio (13), São Paulo x Internacional (12), CRB x CSA (11), Santos x Botafogo (11), Internacional x Juventude (11), Cruzeiro x Palmeiras (7), Juventus x Nacional-SP (7), Fortaleza x Ferroviário (6), São Paulo x Grêmio (6), Esporte x Leopoldina-MG (6), Coritiba x Paraná (3), Cruzeiro x América-MG (2), Grêmio Maringá x Londrina (1), Desportiva x Rio Branco (1) e Mixto x Operário-MT (1). O clássico Ca-Ju, de Caxias do Sul, da mesma forma que o Bra-Pel contradiz a pesquisa da Placar de 1993 relativa às torcidas do Rio Grande do Sul.

³¹ Também foram citados: América x Chivas (69), Slavia Praga x Sparta Praga (44), Hajduk Split x Dinamo Zagreb e Athletic Bilbao x Real Sociedad (37), Hibernian x Hearts (34), Spartak Moscou x CSKA Moscou (32), Galatasaray x Besiktas e Genoa x Sampdoria (31), Besiktas x Fenerbahçe (28), West Ham x Millwall (28), Lyon x Saint-Étienne (27), Juventus x Fiorentina (23), Cerro Porteño x Olimpia (21), Colo Colo x Universidad de Chile (20), Pirouzi x Esteghlal (19), Steaua Bucareste x Dinamo Bucareste e Manchester United x Arsenal (18), Palermo x Catania e Manchester United x Manchester City (16), Real Madrid x Athletic Bilbao (15), Arsenal x Chelsea (14), Cracóvia x Wisła, Porto x Sporting e Chelsea x Fulham (13), Bayern Munique x 1860 Munique (12), Barcelona x Espanyol e Manchester United x Chelsea (11), Bayern

Munique x Hamburgo e Kaiser Chiefs x Orlando Pirates (10), Dinamo Kiev x Shakhtar Donetsk, Tucumán x San Martín, CSKA Moscou x Dinamo Moscou x Bayern Munique x Borussia Dortmund (9), Beitar Jerusalém x Hapoel Tel Aviv (8), Steaua Bucureste x Rapid Bucureste (7), CSKA Sófia x Levski Sófia (6), Newcastle x Sunderland (5), Sarajevo x Zeljeznicar, UT Arad x Poli Timisoara, Colo Colo x Universidad Católica e Canon x Tonnerre (4), Porto x Boavista, Rapid Viena x Austria Viena, Universitatea Cluj x CFR Cluj (3), Aston Villa x Birmingham e AIK x Djurgardens (2), Honvéd x Ferencváros, Barcelona x Emelec, Union Berlim x Dynamo Berlim e América de Cali x Deportivo Cali (1).

³² 1. Boca Juniors x River Plate / 2. Barcelona x Real Madrid / 3. Celtic x Rangers / 4. Nacional x Peñarol / 5. Lazio x Roma / 6. Fenerbahce x Galatasaray (Istambul) / 7. Liverpool x Manchester United / 8. **Gremio x Internacional** / 9. Borussia Dortmund x Schalke 04 (Gelsenkirchen) / 10. Al Ahly vs Zamalek (Cairo) / 11. Marseille vs Paris Saint-Germain / 12. Chivas Guadalajara x Club America / 13. Milan x Internazionale / 14. Portsmouth x Southampton / 15. Independiente x Racing Club / 16. Ajax (Amsterdam) x Feyenoord (Rotterdam) / 17. FK Velez x HSK Zrinjski (Mostar, Bósnia-Herzegovina) / 18. Flamengo X Fluminense / 19. Olympiacos (Pireu) x Panathinaikos (Atenas) / 20. Arsenal X Tottenham / 21. East Bengal x Mohun Bagan (Calcutá) / 22. Partizan Belgrade x Red Star Belgrade / 23. Corinthians x Palmeiras / 24. Newcastle United x Sunderland / 25. Real Betis x Sevilla / 26. Raja x Wydad (Casablanca) / 27. Hajduk Split x Dinamo Zagreb / 28. Benfica x Sporting / 29. Colo-Colo x Universidad de Chile / 30. Genoa x Sampdoria (Gênova) / 31. Kaizer Chiefs x Orlando Pirates (Soweto) / 32. Dinamo Bucuresti x Steaua Bucuresti (FCSB) / 33. Esteghlal x Persepolis (Teerã) / 34. Barcelona x Emelec (Guayaquil) / 35. Glentoran x Linfield (Belfast) / 36. Cerro Porteno x Olimpia / 37. CSKA Sofia x Levski Sofia / 38. Alianza Lima x Universitario / 39. Hamburg x St. Pauli / 40. America x Deportivo Cali / 41. Dynamo Moscow x Spartak Moscow / 42. Bahia x Vitoria / 43. FC Seoul x Suwon Bluewings / 44. Everton (Viña) x Santiago Wanderers (Valparaíso) / 45. Athletic Bilbao vs Real Sociedad (San Sebastián) / 46. Newell's Old Boys X Rosário Central / 47. Lyon x Saint-Etienne / 48. Portland Timbers (Oregon) x Seattle Sounders / 49. Blooming x Oriente Petrolero (Santa Cruz) / 50. Sheffield United x Sheffield Wednesday. (Id. *ibid*).

³³ “Nada mais importa no estado Sulista do Rio Grande do Sul, onde ser neutro é impossível”. Tradução minha.

³⁴ “Os dois times dividem a capital do estado, Porto Alegre, e comandam fatias aproximadamente iguais dos 4,5 milhões de habitantes de sua região metropolitana, tendo dividido o Campeonato Gaúcho de maneira semelhante: de seus 97 títulos, conquistou 81 (o Inter superou o Grêmio 44 para 37)”. Tradução minha

³⁵ As coisas rapidamente se aproximaram. Durante grande parte da rivalidade de um século, os times estiveram equilibrados, acrescentando uma vantagem genuinamente competitiva, e não apenas em nível regional: ganharam duas Copas Libertadores cada, o Inter tem três títulos brasileiros contra os dois do Grêmio, e o clube mais jovem também está ligeiramente melhor no confronto direto.

³⁶ O jornalista faz um trocadilho com seu próprio nome: chama-se popularmente “pombo sem asa” um tiro ao arco adversario com muita força e direção.

³⁷ Uma informação curiosa foi que a primeira disputa que viria e se tornar um *derby* no futebol aconteceu em 12 de novembro de 1881 em Manchester, Inglaterra, entre os quadros do Newton Heath contra o West Gorton, com a vitória do primeiro por 3 a 0. O Newton Heath L&YR [Lancashire and Yorkshire Railway] Football Club foi fundado em 1878 por operários do depósito daquela ferrovia no bairro que lhe deu o nome. Em 1892 simplificou o nome para Newton Heath Football Club, e só dez anos depois adotaria o atual nome de Manchester United Football Club. Já o Saint Mark West Gorton, foi criado nesta região da cidade em 1880; em 1887 se tornou Ardwick Association Football Club, e apenas em 1894 mudou para Manchester City Football Club.

³⁸ “As 20 maiores rivalidades do futebol mundial classificadas – do Boca-River ao *derby Old Firm* (...). Os jogos entre rivais são alguns dos mais emocionantes do calendário”. Tradução minha.

³⁹ “Um *derby* como nenhum outro e que está mesmo à nossa porta. Vai muito mais longe do que apenas o

futebol, já que as tensões políticas muitas vezes entram em jogo quando estas duas partes se encontram. (...) As diferenças em setores alternativos foram combinadas para tornar o jogo o mais exclusivo do mundo”. Tradução minha.

⁴⁰ “O Grêmio era elitista enquanto o Internacional era aberto a todos... e logo diminuiu a distância entre os rivais. Os dois times são os mais dominantes no Sul do Brasil e nos jogos você pode esperar muita paixão”. Tradução minha.

⁴¹ Eis os números dos clássicos: 10) Al Ahly 99 e Zamalek 57; 9) Borussia 32 e Schalke 31; **8) Grêmio 130 e Internacional 156**; 7) Liverpool 82 e Manchester United 76; 6) Fenerbahce 146 e Galatasaray 127; 5) Roma 71 e Lazio 53; 4) Nacional 191 e Peñarol 188; 3) Celtic 162 e Rangers 162; 2) Barcelona 96 e Real Madrid 96; 1) Boca 136 e River 139. Exceto por Al Ahly 99 x Zamalek e Roma x Lazio, há um grande equilíbrio no número de vitórias nas demais disputas.

⁴² “Os dois times dividem a capital do estado, Porto Alegre, e comandam fatias aproximadamente iguais dos 4,5 milhões de habitantes de sua região metropolitana, tendo dividido o Campeonato Gaúcho de maneira semelhante: de seus 99 títulos, conquistaram 82 (Inter superando Grêmio por 45 a 38)”. Tradução minha.

⁴³ Ver: GUAZZELLI (2018).

⁴⁴ Não me refiro às mudanças radicais na política brasileira após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, a partir do qual o país se encontra todo ele imerso numa polarização extremada. São tempos ainda de incertezas e que, ademais, pouco tem a ver com aquela tradição rio-grandense.

⁴⁵ As *barras* são grupos de torcedores extremamente violentos, uma versão argentinos dos *hooligans* da Inglaterra, Ver: ALABARCES (2004 e 2014) e ARAGÓN (2017). Sobre os *hooligans*, há o artigo importante de HOLLANDA (2021).

⁴⁶ Por exemplo, o *clasico rosarino* entre Rosário Central e Newell's, o *clasico santafesino* entre Colón e Unión, o *platense* entre Gimnasia y Esgrima e Estudiantes, o de Avellaneda entre Independiente e Racing, entre tantos.

⁴⁷ Por exemplo, o *clasico rosarino* entre Rosário Central e Newell's; o *clasico santafesino* entre Colón e Unión, o *platense* entre Gimnasia y Esgrima e Estudiantes; o de Avellaneda entre Independiente e Racing, entre tantos.

⁴⁸ O *clasico de barrio* San Lorenzo e Huracán, o *clasico del Oeste* Ferrocarril Oeste e Velez Sarsfield, o *clasico de Villa Crespo* Chacarita e Atlanta, o *clasico del Oeste de la Gran Buenos Aires* Almirante Brown e Morón, um dos mais aguerridos do país, e um insólito *superclasico del acensoi* entre Nueva Chicago e Allboys, dois clubes que nunca frequentaram a Divisão A do futebol argentino!

⁴⁹ Ver: TOLEDO (2002); HOLLANDA & MALAIA & TOLEDO (2012); HOLLANDA & NEGREIROS (2015); HOLLANDA & FLORENZANO (2019).